

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- HOHLFELDT, Antônio. **Pelas Veredas da Literatura Brasileira**. 1994, 209p. A obra reúne sete ensaios realizados em épocas diversas, nos últimos cinco anos, que têm pelo menos uma coisa em comum: a preocupação do autor em relacionar o texto literário com o contexto da realidade brasileira imediata. Co-edição EDIPUCRS/IEL.
- LACERDA, César de. **O Monarca das Coxilhas**. 1991, 143p. De nacionalidade portuguesa, o autor, este misto de dramaturgo e comerciante, em viagem ao Brasil, escreveu uma peça focalizando o homem e a vida numa região que tanto interesse lhe havia despertado: o Rio Grande do Sul. Co-edição EDIPUCRS/IEL.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3323
FAX: (051) 339-1564

A MULHER EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ

MARIA LÚCIA BARBARÁ DEMOLINER*

A pretensão deste trabalho é aplicar as teses de Wolfgang Iser sobre a relação texto e leitor na obra *O quinze*, de Rachel de Queiroz.

Será traçado um breve perfil da personagem central e analisado o tratamento dispensado à mulher pela autora na obra em questão. Em seguida, a apresentação de como se vê, em *O quinze*, a concretização do texto: "conceito que define a atividade do leitor, de preenchimento das lacunas ou vazios de um texto, deflagrando o processo de comunicação próprio à literatura".¹

Segundo Iser, apesar de o texto ficcional ter como causa primeira o fator estético, podem haver outros fatores subjacentes a ele. Em *O quinze*, além do aspecto já mencionado, há, também, presença marcante de aspectos históricos e sociais. O Nordeste, com sua gente e seus flagelos, é retratado nesta obra.

Parece clara a intenção da autora em demonstrar a miséria da gente que vive nesta região do país. Todas as personagens, inclusive as mais abastadas, sofrem com o fenômeno da seca, a qual, de uma maneira ou de outra, modifica a vida de todos.

O perfil de Conceição – a personagem principal da obra – é traçado no primeiro capítulo. Já no início da obra o leitor toma conhecimento do fato de que Conceição "chegara até a se arriscar em aventuras socialistas".² Esta personagem é a que mais se envolve no problema dos flagelados, assistindo-os no Campo de Concentração.

Vicente e a avó comentam a miséria dos retirantes, compadecendo-se dos mesmos, mas é somente a moça quem se empenha realmente em modificar a situação em que eles se encontram.

O leitor, no decorrer da narrativa, quase não percebe os pontos de indeterminação³ da obra, talvez pela linguagem enxuta da mesma. Pode-se

* Mestranda do curso de Teoria da Literatura da PUCRS.

¹ ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

² QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993.

³ ISER, Wolfgang. *A indeterminação e a reação do leitor na prosa de ficção*. [mimeo] Trad. Célia Dóris Becker. Ao trabalhar a questão da indeterminação, Iser se vale – porque o texto

dizer que a maior indeterminação do texto é o sumiço do filho de Chico Bento e Cordulina. Em conversa com a tia, Vicente comenta o fato de um menino ter sido morto por retirantes para servir de alimento. Quando o leitor mais atento sabe do desaparecimento de Pedro, imediatamente liga os dois fatos. O narrador, porém, deixa a questão em aberto. Pedro não é encontrado nem se tem qualquer notícia dele.

Mesmo preenchendo as lacunas sem percebê-las, é grande a participação do leitor na obra, pois o clima é criado de tal forma que ele – leitor – faz parte do universo ficcional criado pelo narrador.

Devido à técnica de corte usada para a estruturação da obra, é grande a liberdade do leitor para concatenar os elementos constitutivos de *O quinze*.

Deve-se a isso o fato de o leitor não perceber que está preenchendo as lacunas, pois se vale de suas próprias idéias para "completar" o texto, do qual participa intensamente sem qualquer conseqüência que não o conhecimento mais abrangente de si e do mundo.

Iser nos diz que, por ser resultado da criação de um autor, o texto literário apresenta o mundo de uma determinada forma. O autor não pode simplesmente transplantar a realidade para o texto. Assim, é necessário que haja um processo de seleção, no qual alguns elementos são atualizados pelo texto, enquanto outros permanecem inativos:

"Os elementos que o texto retira do campo de referência se destacam do pano de fundo do que é transgredido. Deste modo, os elementos presentes no texto são reforçados pelos que se ausentaram... E assim, o mundo presente no texto é apontado pelo que se ausenta e o que se ausenta pode ser assinalado por essa presença".⁴

O quinze, segundo os teóricos da Literatura Brasileira, faz parte do Romance de 30, cujas características principais são a estrutura linear, a temática realista, o uso do chamado código culto, as estruturas históricas identificáveis – geralmente agrárias –, a perspectiva crítica adotada pelo autor e, finalmente, o "otimismo ingênuo", ou seja, a impressão é de que tudo ainda pode dar certo, apesar da miséria retratada.

A obra realmente possui tais características, mas o que nos faz pensar que *O quinze* não pode ser simplesmente rotulado como Romance Social ou Romance de 30 é o fato de que o aspecto social não deixa – queiramos ou não – de servir de fundo para uma questão bem mais complexa, a

da mulher Conceição, conflituada, oscilando entre a teoria e a prática durante a maior parte da narrativa.

Toda a obra se estrutura em torno dessa questão maior, que é a impossibilidade de Conceição em aliar – em sua vida – as idéias que possui ao plano amoroso.

Ora, se Conceição realmente tem idéias socialistas e busca a igualdade entre os homens, não se importando com a procedência ou bagagem cultural que cada um possui, nada mais lógico do que quebrar a barreira existente entre ela e Vicente.

No início do romance, o leitor percebe a diferença que há entre essas duas personagens, porém o mais lógico seria que a moça, devido à maneira como pensa e se comporta, continuasse ignorando, conforme fez durante algum tempo, a divergência entre o seu mundo e o do primo.

Conceição, a princípio, via em Vicente "uma rajada de saúde e de força";⁵ capaz de "purificá-la". Permaneceu, desde adolescente, com a idéia absurdamente romântica de que o primo saíra de um conto de fadas e que, mais dia, menos dia, iria desposá-la.

Só percebeu o fosso que havia entre eles quando Vicente envolveu-se com a filha do vaqueiro. Parece pertinente a interrogação: se fosse uma moça da mesma classe social, Conceição ficaria tão abalada? Pensaria que o primo havia se "sujado", como com a "cunhã à toa, de cabelo pixaim e dente podre"?⁶

"Só então pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava".⁷

E a distância que havia entre o discurso de mulher liberal e a prática burguesa, esta era menor? Aquela que se dizia "alegremente solteirona"⁸ era a mesma cujo "pensamento até há pouco se dirigia ao primo como a um fim natural"?⁹ A autora remete o leitor novamente a uma das passagens iniciais, a qual fala dos preceitos da jovem, que "pecavam principalmente pela excessiva marca da casa".¹⁰ A Conceição que se diz "alegremente solteirona" certamente não é a mulher amarga que vê naufragar o sonho do casamento com aquele a quem emprestara uma "auréola de herói de novela!"¹¹

⁵ QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 17.

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 59.

⁷ *Id. ibid.*, p. 80.

⁸ *Id. ibid.*, p. 10.

⁹ *Id. ibid.*, p. 79.

¹⁰ *Id. ibid.*, p. 10.

¹¹ *Id. ibid.*, p. 78.

não possui parceiro idêntico no mundo real – dos aspectos esquematizados, que representam o objeto. Há, entre eles, uma indeterminação originária da determinação da seqüência de cada perspectiva individual. As lacunas cabe abrirem-se para o leitor, oferecendo um jogo de interpretação de acordo com o modo como as perspectivas podem ser conectadas.

⁴ ISER, Wolfgang. "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional". In: LIMA, Luis Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2., p. 389.

O desejo – contido no início pela esperança de terminar com Vicente e depois porque "nunca encontrei alguém que valesse a pena"¹² – de casar e ter filhos é flagrante no decorrer da narrativa: Duquinha, seu afilhado, também o era do primo. "E lembra-se de ter achado graça ao ver... seu nome junto ao de Vicente, num papel sério, eclesiástico, em que eles se tratavam mutuamente por *nós*... Conceição gostara daquele *nós* de bom agouro".¹³ Enfim, como já se disse anteriormente, o fenômeno da seca é o pano de fundo, o cenário escolhido pela autora para demonstrar o altruísmo e as boas intenções da personagem aos "castigados pela miséria", a maioria certamente, de dentes podres como a cunhã da qual sentira ciúmes, porém estes não representavam qualquer perigo. Eram, pelo contrário, um bálsamo que aliviava e preenchia os dias da professora.

É de lamentar o fato de que *O quinze*, mesmo tendo sido produzido por uma mulher, seja conivente com a idéia de que à mulher cabe a recompensa de casar e ter filhos. Ou, pelo menos, de "sentir-se" mãe:

"passou-lhe suavemente a mão pela cabeça; e pensou nas suas longas noites de vigília, quando Duquinha, moribundo, arquejava, e ela lhe servia de mãe. Recordou seus cuidados infinitos, sua dedicação, seu carinho..."

E, consolada, murmurou:

– "Afinal, também posso dizer que criei um filho..."¹⁴

A personagem Conceição é mais uma mulher na literatura a se deixar levar pelos valores inculcados desde praticamente o seu nascimento. Conceição, ao mesmo tempo em que pensa no estranho par que formariam ela e Vicente, imagina as noites na fazenda, quando "ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz... Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um *é distraído por detrás do jornal*".¹⁵ Mais estranho do que o casal é o fato de Conceição só haver percebido a distância entre ambos quando soube que o primo envolvera-se com uma das meninas da fazenda. Esquisito é que uma mulher cujo "pensamento dirigia-se ao primo como a um fim natural e feliz"¹⁶ não tenha buscado, como lutadora que se apresentou no início, outro fim menos amargo do que a indisfarçável inveja pelo casamento da prima e o triste consolo de haver padecido por noites e noites com as doenças do afilhado.

A figura da mulher continua marginalizada na literatura, pois mesmo aquela que parece forte, independente e dona de suas próprias idéias,

¹² *Id. ibid.*, p. 147.

¹³ *Id. ibid.*, p. 88.

¹⁴ *Id. ibid.*, p. 149.

¹⁵ *Id. ibid.*, p. 79-80.

¹⁶ *Id. ibid.*, p. 79.

tem como objetivo maior um relacionamento estável, do qual resultem frutos – os filhos, saudáveis e rechonchudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ISER, Wolfgang. "A interação do texto com o leitor". In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

———. *O processo de leitura – uma abordagem fenomenológica*. [mimeo]

———. *Indeterminação e a reação do leitor na prosa de ficção*. [mimeo] Trad. Célia Dóris Becker.

———. "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional". In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. 2.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.